

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

AVENÇA

Redactor Principal
MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração
Rua Guilherme Gomes Fernandes, 20—TAVIRA

Director, Editor e Proprietario

Dr. JAIME BENTO DA SILVA

ASSINATURAS

Série de 10 Números 5\$00

Composição e Impressão
Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

NÃO SE RESTITUEM ORIGINAIS QUER SEJAM OU NÃO PUBLICADOS

In Memoriam

Damos a seguir as notas do discurso que o nosso Director, como Presidente da Comissão Concelhia da União Nacional, de Tavira, pronunciou à beira da sepultura do Capitão Manuel Luiz Baptista Marçal.

Como Presidente da Comissão Concelhia da União Nacional, de Tavira, não podia deixar de dizer em poucas mas sentidas palavras, a profunda consternação dos nacionalistas e de todos os bons tavierenses, que aqui vieram acompanhar à sua última morada aquele que em vida se chamou Manuel Luiz Baptista Marçal, grande nacionalista e grande amigo de Tavira.

Nascido num meio de trabalhadores, o Capitão Marçal ainda encontrou na consideração que rodeava seu Pai, Mestre Marçal, os restos da alta consideração em que as Corporações, abolidas pelo liberalismo triunfante, tinham colocado os chefes do trabalho. Dar-se, nesse tempo, o tratamento de Mestre a alguém, era uma demonstração da conta em que era tida a competência de quem o recebia. Então o trabalho era considerado uma honra. Depois, foi-se dando a inversa e hoje, quando se houve chamar Mestre a um operário, instintivamente tem-se a impressão de que é uma maneira depreciativa de tratamento. Chama-se Mestre porque a língua se recusa a dar senhoria a quem creou calos nas mãos pelo trabalho diário, ainda que à custa desse trabalho e da sua inteligência, se mereça o ser Chefe ou Mestre de oficina. Felizmente, o Corporativismo ha-de colocar, novamente, o Trabalho e os Trabalhadores, no lugar que verdadeiramente lhes compete na escala dos valores sociais.

O Capitão Marçal nunca perdeu as noções de trabalhador digno e honrado que recebeu do seu Pai. E, pela vida fóra, ele soube sempre e em todas as circunstâncias, cumprir. Tendo assentado praça assim que teve a idade regulamentar, em breves anos os galões de oficial brilhavam nas mangas da sua farda. Oficial distinto, entre os seus camaradas, ele foi um exemplo constante de actividade, nunca se eximindo às obrigações do seu cargo. O seu nome está entre os dos oficiais do Regimento de Infantaria 4 que levantaram a planta da cidade. E quando foi da Grande Guerra, em França soube ser um bom oficial.

Tem, até, no final da guerra, uma atitude que marca o seu brio e o seu pundonor. Depois do 9 d'Abril, os melhores elementos da C. E. P., desgostosos com a inacção a que os obrigavam, reclamaram a reorganização de

unidades de Infantaria para que na linha de fogo não deixasse de haver soldados de Portugal. Deferida, por quem de direito, essa digna reclamação, o, já então, Capitão Marçal foi nomeado comandante de uma companhia, a pesar-de pelos regulamentos não pertencer ainda a vez. No entanto, não reclamou dessa injustiça, por maiores que fossem os seus direitos, porque não queria que, fôsse quem fôsse,



podesse supor que, nas dobras dessa reclamação, ia escondida a mais pequena demonstração de cobardia. E lá marchou para a frente onde podia ter encontrado a morte.

Um dia, o 28 de Maio, na ancia de recrutar pessoal governativo em gente nova, foi-o buscar ao seu quartel para o fazer Presidente da Camara Municipal de Tavira. E o que foi a administração deste homem que desconhecia por completo taes assuntos, é do conhecimento de todos.

Mais uma vez, cumpriu. Tavira ficou-lhe devendo alguns melhoramentos, o nome do Capitão Marçal enfileira sem favor ao lado dos melhores Presidentes que a Camara de Tavira tem tido. Mas o seu maior orgulho foi ter conseguido erguer na sua cidade, o primeiro no Algarve, o Monumento que perpetua aqueles que em terras do Império ou em terras estranhas combateram pela defesa e integridade de Portugal.

A sua dedicação ao Estado Novo, o seu nacionalismo, não de fachada, mas sentido e realiado em todos os actos da sua vida politica, estão bem recentes para terem necessidade de serem recordados. Sempre na primeira fileira na hora do combate ele realisava, dentro da sua esfera d'acção, a mesma politica do Chefe. O lema de unidade coesão e homogeneidade, era para ele uma ordem a cumprir e que cumpria e não apenas palavras.

De resto, em toda a sua vida os seus actos estiveram sempre de acordo com as suas palavras.

Chete de Familia exemplar, a

sua amizade, a sua extrema dedicação pelos seus, era uma manifestação do seu caracter lúdimo que ele não sabia nem pensava esconder,

Como camarada, companheiro de conversa, as suas opiniões eram sempre escutadas e ouvidas com atenção porque elas demonstravam a intelligencia e o senso com que eram pensadas.

Mas, em presença dos restos mortaes do Capitão Marçal, eu lamento mais do que tudo, é que este homem não tivesse podido realizar tudo o que a sua capacidade de trabalho e de intelligencia poderia atingir. Se as circunstancias tivessem permitido que o Capitão Marçal adquirisse em novo aqueles conhecimentos sem os quais se não pode voar, por maior que seja a intelligencia do individuo, o que teria podido ser este homem que conseguiu marcar um lugar de relêvo em todos os cargos que ocupou? E é disto que eu sinto especialmente, desgosto, ao despedir-me aqui, pela ultima vez, do Capitão Manuel Luiz Baptista Marçal.

Mas, sirva-nos de consolação, a certeza de que viemos acompanhar nesta profunda manifestação de sentimento, um dos mais perfectos e verdadeiros exemplos dum homem de bem.

Outro desiludido!

O sr. Léon Péron, diplomado por várias universidades europeias extremamente culto e dotado dum espirito objectivo, era até há pouco um adepto entusiástico das organizações vermelhas, tendo dirigido um jornal comunista. No desejo de conhecer melhor o ídolo que adorava, resolveu ir à U. R. S. S.. O pior é que deu logo pelos pés de barro, conforme confessa ao afirmar que na Rússia «a beleza, a bondade, a liberdade e a ordem foram traídas, corrompidas, aniquiladas». E acrescenta:

«Estou firmemente convencido de que o comunismo bolchevista é a negação da moral, da liberdade e do individualismo e que necessita, para existir, dum tirania e dum ignorância seculares. A edificação intensiva e monstruosa de Lenine e de Estaline está bem longe de me fazer admirar um renascimento da dignidade humana. Verifiquei, pelo contrário, que se mantém, mas agravando-o, um regime secular de escravatura e opressão. Que vem a ser o comunismo? Um capitalismo do Estado para os chefes e uma escravidão do Estado para o povo. A Internacional comunista é a cárie do mundo; o seu objectivo é pôr a terra a ferro e fogo e destruir a ordem social tradicional. Se os comunistas pretendem querer o bem do povo, não fazem mais, na realidade, do que traír a verdade e mascarar odiosamente os factos».

Mais um, como tantos outros, que, de partidário fervoroso de Estaline, se transforma em adversário irredutível de Moscovo. O exemplo, tão frequente, leva a crer que seria aconselhável a organização de excursões de comunistas sinceros à U. R. S. S.. Voltariam de lá como este sr. Léon Péron a pregar «o caracter anti-social e anti-operário do comunismo que esmaga tudo o que é sagrado para o homem; o direito à liberdade e as crenças espirituais».

Capitão Manuel Baptista Marçal

pelo Coronel J. Correia dos Santos

Lisboa 23-7—Seguiu hoje para Tavira a caminho da paz do tumulto, o capitão Manuel Baptista Marçal, que sem exagêro algum se pode apresentar às gerações vindouras, como um algarvio illustre, que prestou à sua terra serviços inestimaveis, que devem fazer vincular o seu nome, durante longos anos, enquanto as obras da Comissão administrativa da sua presidencia não forem derruidas pela inclemência do tempo, ou não forem suplantadas por outras que as substituam. Constitue sempre uma excelente lição de moral educativa apresentar aos nossos concidadãos os nomes de pessoas illustres, que souberam empregar em beneficio da colectividade, lutando por vezes contra correntes adversas, o prestigio que conquistaram, pelo seu valor, pelas faculdades excepcionais que Deus lhes concedeu, para que à custa do seu esforço, da sua intelligencia e qualidades de caracter, marcassem um lugar de destaque na escala social, digno de apreço e consideração.

O Algarve é uma das provincias onde se encontra um maior numero de figuras illustres, que se fizeram por si e que teem sabido ser uteis aos seus concidadãos.

O capitão Baptista Marçal iniciou a sua carreira militar em caçadoaes 4 e depois continuou em Infantaria 4 a conquistar os diversos graus da hierarquia militar até ao posto de capitão. Já em sargento, o Marçal era respeitado pelas suas invulgares qualidades de bom senso, ponderação e aprumo. Como ajudante de batalhão o Marçal era sempre ouvido e algumas vezes como ultima instancia consultiva, devido ao seu invulgar bom senso e inalteravel probidade moral sem procurar impor-se nem atropelar atribuições de outrem.

O capitão Marçal foi para a guerra e aí como comandante de uma companhia de Infantaria 4, irradiava com intenso fulgor, o seu prestigio e valor militar, como homem de acção no campo de batalha. Deu as suas brilhantes provas na defeza contra o raid de março que os alemães fizeram contra as nossas tropas, antes de 9 de Abril.

O prestigioso Tavirense, muito amigo da sua pobre e inditosa terra, regressou ao seu lar e quiz o destino que o Estado Novo lhe aproveitasse as suas notaveis faculdades administrativas e empreendedoras, para poder dotar a cidade de Tavira com melhoramentos importantes de que tanto carecia. O presidente da comissão administrativa entendeu que era preciso civilisar Tavira, fazendo acompanhar os progressos que se teem registado por todo o país nas obras feitas nos municipios, que a nosso ver são dos que dão mais prestigio á obra da ditadura.

O capitão Marçal, com a sua comissão administrativa conseguiu dar algum alento à nossa linda cidade, com a série de obras realizadas até Novembro de 1933, em que pediu a sua de-

missão. Recordemos alguns dos beneficios que a cidade de Tavira colheu com a actividade desenvolvida pela comissão administrativa da sua illustre presidencia.

Transformação completa da rua 1.º de Maio e que foi bastante dispendiosa.

Construção de modernos e higienicos mictórios e retretes publicos.

Construção dum lavadouro municipal, para se inutilizar o lavadouro publico, que existia no campo dos Martires da Republica o qual segundo a opinião de vários médicos, era um foco de inundicie.

Aquisição dum novo motor de 140 cavalos e concôrto dos existentes para melhoramento da luz electrica da cidade, que era bastante deficiente.

Compra dum edificio por 23:000\$00 para melhoramento dos serviços camarários e poder assim modernizar e ampliar o existente.

Compra dum edificio na povoação de Santa Luzia e necessarias reparações na importancia total de 12:000\$00 para instalar uma escola primária.

Melhoramentos de mobiliário e de material didático das 15 escolas primárias do Concelho.

Captação e distribuição da agua a toda a cidade e aos domicilios.

Construção de 6.500 metros de canos de esgôto, ficando completissima a rede em toda a cidade e a ligação dos prédios com a rede publicas;

Macdamisação e alcatroamento das praças da Republica e Dr. Antonio Padinha e macdamisação e calcetamento de todas as principais ruas da cidade e outras mais.

Desaforeamento do rio Gilão, desde a ponte ao mercado, com o auxilio da Junta Autonoma do Porto e Barra de Tavira, obra esta pela qual se esperava há meio século, para se evitar que o rio fosse um imundo foco de infecção.

Abertura e reparação de vários poços e fontes rurais e concertos em várias estradas municipais.

Conseguiu-se do Governo a construção dos actuais prédios escolares primários na freguezia da Conceição, de Santa Catarina, de Fonte do Bispo e a construção da estrada que liga esta freguezia a Moncarapacho e 10 quilometros de estrada desde a Picota, com fim de ligar Tavira com a freguezia de Cachopo.

Solicitou e conseguiu, por intermédio da Direcção Hidraulica do Guadiana ao tempo chefiada pelo sr. Engenheiro Odonell o estudo e aprovação dos muros cais de Santa Luzia, Cabanas da Conceição e em Tavira junto ao mercado municipal, tendo a construção sido realizada já depois da demissão da comissão administrativa da sua presidencia.

Tudo isto se fez sem que nessa ocasião estivesse em vigor a concessão da participacão de

Regime Tributário Português

O actual regime tributário português foi estabelecido pelo decreto n.º 16.731 de 13 de Abril de 1929.

O relatório que o precede, obra de quem sabe o que quer e como o quer, notável pelos fundamentos e princípios que o orientam, ilucida-nos, suficientemente, quanto aos pontos de vista do seu autor e fins que pretende atingir.

A lei 1368 que, sem dúvida, na situação caótica em que nos encontravamos, representou uma tentativa honesta, embora tardia, para uma melhor distribuição tributária mal compreendida por muitos e desvirtuada por outros, não produziu os efeitos desejados.

Poderá afirmar-se, sem cair no exagero, que a par da fuga do imposto que, de certo modo, facilitava, conhecida a tendência do contribuinte para furtar-se ao seu pagamento, outros inconvenientes produziu, pela complexidade do processo adotado, obrigando a necessários convívios entre os contribuintes e o fisco, sempre prejudiciais a todos, pela desmoralização e insinuações a que podem dar origem.

Um dos problemas a encarar no novo regime tributário seria, portanto, o da sua simplificação, diminuindo, tanto quanto possível, os contactos acima referidos e assegurando, através do novo sistema, uma melhor justiça fiscal.

Na determinação da matéria colectável, seguindo-se, caminho paralelo, assegurou-se contudo ao Estado a posição de maioria dentro das Comissões Fixadoras, no legítimo direito de evitar, quanto possível, uma diminuição das receitas provenientes do imposto, e ao mesmo tempo, garantir aos interessados, pelo alto fim que o Estado deve ter sempre em vista, aquela justiça tributária a que todos aspiravam, libertando-os da animosidade dos «oficiais do mesmo officio» e impedindo, em relação a alguns, a posição de favoritos que vinham disfrutando.

Os clamores surgiram, coro que acompanha sempre todas as inovações ou grandes reformas, e, justo é dizer-lo, se na maioria dos casos nada tinham a justificar, noutros alguma razão lhes assistia.

E nesta circunstância, encontraremos os fundamentos e a razão de ser de toda a legislação subsequente ao decreto n.º 16.731, que completando-o, e aperfeiçoando-o veio remediar a situação de muitos e esclarecer a de outros, que aproveitando certas e propostas das vantagens conferidas a algumas categorias de contribuintes—sociedades anónimas por exemplo—as utilizaram no intuito apenas de se furtarem ao pagamento do imposto, que legítima e honestamente deveriam suportar.

As alijeradas considerações que deixamos feitas, mostram a evidência quão difícil se tornava, entre nós, proceder á determinação da matéria tributável, dada

despezas, que o Estado concede actualmente.

Calculem que serie de aborrecimentos e de canceiras deveria ter tido este prestimoso tavirense, para vencer tantas resistências passivas. As suas felizes iniciativas todas tinham principio e fim.

Os Algarvios da mais alta categoria social residentes em Lisboa prestaram uma sentida homenagem ao ilustre tavirense, acompanhando o prestito até ao Cais de Sodré e mostraram assim que nem sempre há na terra o esquecimento para os que repousam na paz do tumulo e conquistaram o direito de não serem olvidados pelos seus concidadãos.

a atmosfera tributária em que se vivia.

Dos três sistemas tradicionais pode dizer-se que nenhum d'elles se adoptou na sua pureza.

Não se seguiu o *método indiciário*—utilização de certo número de sinais exteriores, considerados indícios do rendimento, base da tributação—porque libertando, embora, os contribuintes de grandes contactos com o fisco—fim desejado pela reforma—na maioria das vezes as aparências iludem... e as facilidades do individuo não seriam consideradas.

O *método da declaração*—obrigação imposta ao contribuinte de fornecer os elementos a tributar—não foi adoptado na sua integridade, porque obrigando a uma fiscalização aturada e dispendiosa, conduzia a um fim antitetico do legislador e ao mesmo tempo provocaria a emigração da riqueza e o fraude.

O *método de avaliação administrativa*—fixação por parte do Estado do rendimento base, abstraindo do sinais externos e das declarações—também não foi totalmente considerado, afim de evitar o arbitrio, e as avaliações exageradas para as quais os agentes fiscaes, por formação funcional, tem natural inclinação.

Se nos debruçarmos sobre o nosso regime tributário actual, verificaremos, sem esforço, que nenhum destes métodos—pelo que respeita á contribuição industrial—foi adoptado.

O novo método adoptado, utilizou um processo que resulta do aproveitamento, em parte, de alguma coisa de todos eles.

Assim, os contribuintes são obrigados á apresentação de declarações—*método da declaração*—nas quais mencionam o número de empregados, seus ordenados anuais e a renda anual do imóvel ocupado no exercicio da actividade—*método indiciário*—.

Estas declarações depois de confrontadas e corrigidas á face do arrolamento organizado pela fiscalização, são presentes á Comissão Fixadora, constituída por dois agentes do Estado e um dos contribuintes do mesmo ramo e freguesia, escolhido por eles ou indicado pelos organismos corporativos, ou só por aqueles dois na falta deste, que á face dos elementos constantes de tais declarações, procedem á fixação do *rendimento ilíquido*—base da tributação. Nesta ultima fase intervem, pode dizer-se, o *método da avaliação administrativa*—mitigado, quando o Estado está em maioria da Comissão e puro, quando só ele intervem na fixação.

Deve, quanto a esta ultima fase, esclarecer-se que a Comissão Fixadora, tem liberdade de acção. Isto é, não se sente obrigada á fixação que se harmonise com os elementos constantes das declarações.

Pelo exposto se vê que o método seguido na determinação do rendimento tributável ou matéria colectável, pelo que respeita aos contribuintes do Grupo C da contribuição industrial e sociedades anónimas cujo capital tributável seja inferior a 2.000 contos e adoptado pelo legislador do regime tributário português é um método mixto, sui-generis, applicado por etapas sucessivas.

Deste modo conseguiu ele evitar os inconvenientes de qualquer dos métodos clássicos—adotando-os em sua pureza—aproveitando-lhes porém, com um critério destacante, todas as suas vantagens.

E' este um dos mais curiosos aspectos do nosso regime tributário. Outros possui porém e aos quais oportunamente nos refiremos.

Assinala o "POVO ALGARVIO"

Curiosidades

GRALHA

Já agora, meto aqui uma emenda a uma gralha de importancia que saiu no artigo que escrevi no numero de 16 do corrente, com o titulo: *Má grafia*.

No periodo: «Pois ainda não deixou de escrever *Cincoenta* em lugar de *cinquenta*, como estabelece a reforma ortográfica», deve ler-se *cinquenta*, com trema sobre o *ü*.

Por tal forma grafado 50, pela ortografia oficial, ler-se-ia *Cinkenta*, da mesma forma que se lê *quente*.

—Volto pela última vez a responder ao africanista que implicou comigo, embora o pudesse deixar a fazer companhia ao soldado desconhecido.

Isto de escrever assinando o que se escreve, e faz-lo a coberto dum pseudónimo que ninguém sabe de quem é, tem a sua diferença.

Começa por dizer: «que quando nasci, ainda ele não conhecia o *kimbundu*, mas que ainda andava por terras africanas, quando eu para lá fui etc.»

Isto quer dizer que *Um Africanista* tem mais de 45 anos... Já é alguma coisa.—O que não percebo é como ele sabe que eu ainda por lá andava quando ele foi, se tem mostrado não me conhecer.

Pois olhe que por essa epoca estive lá pouco tempo.

E era então menino e moço e todos sabem que não ha como as creanças para aprenderem depressa linguas, quando no meio onde elas se falam.

Já *Calino* dizia, que era uma graça ver as creanças tão pequeninas, em França, já a falar francês.

Diz que *Bula* e *Mbula* não são a mesma coisa, mas não diz qual a diferença. Eu digo que é a mesma coisa.

E' certo que a pronúncia *Mbula*, *Mvula*, *Ngana*, *Ndala*, *Mbundu* são pronunciadas por uma forma especial pelos prètos, mas essa pronúncia não autoriza a dizer que o M e o N se pronunciam. E' um som nasal que não tem forma especial nem é possível grafar.

Os Drs. Ricardo Jorge e Agostinho de Campos a miudo denominavam de *bundu* o português defeituoso.

Não se lembrou ainda *Um Africanista* de lhes dizer que deviam grafar *Mbundu*, porque não é o mesmo que *bundu*.

Mas se eles chamasse *Um Africanista* para ir junto d'elles pronunciar *Mbundu*, ficaria na mesma, porque só perceberiam *bundu*, embora com um som particular ingrafavel.

Mas dá-se o caso particular de não servirem as letras M e N, antes das consoantes, apenas para representar o tal som nasal sem forma grafavel, mas também, e principalmente, para a formação das palavras compostas delas derivadas. Assim temos *Kimbundu* compõe-se dos vocabulos *Ki* e *mbundu*, que ligados dão lugar á formação do ditongo *im*, pela junção do *i* ao *m*.

O mesmo se dá com os vocabulos *Caná* e *Ngana* (não senhor); sendo *Ngana* pronunciado *gana*, e, pela junção forma *camangana*, não senhor, nascendo o ditongo *am*.

No tratado de fonética do padre Sacluse, que se occupa da fonética no grande triangulo africano das linguas *bantu*, vem o caso bem demonstrado.

Temos a sede do distrito do Quanza Sul e Circunscrição Civil de Cazengo — *Dala-Tando*, que antigamente se grafava — *Ndala-Tando*; e ha muito que se lhe tirou o N inicial, por inutil.

Seria longa a lista de casos idênticos que podia enumerar. Cá no continente também temos muitos casos semelhantes.

Ainda ha pouco era ouvir a nossa actriz Beatriz Costa, na revista *O' meu rico S. João* falando magistralmente á moda do Porto.

Quem ha cá para o sul capaz

Capitão Marçal

O funeral do Capitão Manuel Luiz Baptista Marçal foi uma das maiores manifestações de pesar que se realizou em Tavira, de há muitos anos.

Individuos de todas as côres politicas tomaram parte no funeral, demonstração completa da grande consideração que o finado gosava na sua terra. Das freguesias ruraes acorreu tambem muita gente, gente do campo que recordavam com saudade a maneira atenciosa como o Capitão Marçal os atendia e os ouvia.

O carro funerario chegou á Praça da Republica eram 18 horas. Acompanhavam-no desde Lisboa seu Filho e Genro e outras pessoas de Familia.

Ao limite do concelho tinham ido esperar o cadaver, acompanhando-o depois, os srs. Dr. Ramos Passos, como representante da Camara Municipal e Dr. Jaime Bento da Silva, como Presidente da Comissão Concelhia da União Nacional.

O funeral organisou-se em frente dos Paços do Concelho não tendo sido feita exposição dentro do edificio por as suas condições não o permitirem.

Encorporaram-se no funeral as educandas do Asilo «Esperança Freire» com o seu estandarte, bem como o S. N. da Construção Civil e os Clubes locais. Dirigiu o funeral o Presidente substituto da Camara Municipal, sr. José Viegas Mansinho.

Organisaram-se muitos turnos, sendo o primeiro formado pelos srs. Coronel Cortez dos Santos, comandante Militar, Isidoro Pires Presidente da Camara, Dr. João de Deus Pereira, Juiz de Direito, Dr. Simões da Costa, Con-

servador do Registo Predial, Dr. Jaime Bento da Silva, Capitães Corvo, Vinhas e Bitá. O segundo turno foi constituído pelos srs. Dr. Ramos Passos, José Viegas Mansinho, Tenente Pio, comandante da Guarda Fiscal, Tenente Rijo, da G. N. R., Coronel Gama Pinto, Capitães Mendes Silvestre e Serpa, e Tenente Palma.

Dai por deante tornou-se impossivel tomar notas visto que os turnos se sucediam ameadadamente, para satisfazer todas as pessoas que, pela sua situação politica ou social, e pelo desejo manifestado, queriam prestar essa derradeira homenagem ao Capitão Marçal.

A Encomendação foi feita pelo sr. Prior Jorge Melo, que acompanhou o funeral, na Ermida do Calvario. Dessa Igreja até ao Cemiterio foi o turno constituído por Funcionarios da Camara e por pessoas de Familia, sendo a urna conduzida dentro do Cemiterio aos ombros dos Bombeiros Municipais em cuja carreta o cadaver foi transportado durante todo o funeral.

Junto da catacumba falou, além do sr. Presidente da Comissão Concelhia da União Nacional, cujo discurso inserimos noutro local, o sr. Sargento Manuel Custodio, em nome dos antigos Sargentos que serviram sob as ordens do falecido.

Farmácia de Serviço

Encontra-se de serviço urgente durante esta semana a Farmacia ABOIM.

Hora do crepúsculo

(A's lindas trigueirinhas do Algarve)

A tua face linda, tam trigueira,
Faz-me lembrar suave entardecer,
Quando o disco solar se vai esconder,
Lançando uma luz frouxa, derradeira!...

Já vai adormecendo a terra inteira...
A paz sobre esses campos vai descer...
Deixa, na terra, o sacho de bater,
Cala-se o melro, fecha a dormideira...

Ferindo os ares, com fé e harmonia,
Ouve-se, ao longe, triste Avé-Maria,
E o povo, crente, faz a oração...

E nessa hora, lânguido torpor
Sinto invadir-me, querendo, meu amor,
Ter-te em meus braços, junto ao coração!...

Alex

de pronunciar o *ão* como os portuenses? E, no entanto, não ha forma de o grafar de maneira diferente.

No Porto é *ansim!* Mas este mesmo *ansim* não é assim.

Sei que ha casos em que é possível representar graficamente um sotaque fonético.

Em Traz-os-Montes, por exemplo, não ha conformidade vocal entre o *ch* e o *x*, como nas outras provincias. Assim, bicho, pronunciam *bitcho*, ouvindo-se claramente o *t*. No entanto, não o escrevem.

Mas não é o caso dos sotaques dos vocabulos de *kimbundu* que citamos.

Diz *Um Africanista*, que o facto de eu citar o fonema *Tulola* para significar *quebrar* não o autorisa a dizer que *Tulola* seja mau *Kimbundu*, citando o fonema *Toloka*, por exemplo; o *muvi nataloka*, o pau quebrou-se.

¿Pois *Um Africanista* não vê que não é a mesma coisa?

Tolola é o infinitivo do verbo, e *soloka* está empregado na sua frase no pretérito perfeito terceira pessoa do singular, e em forma reflexa.

Consulte uma gramática de *kimbundu* onde venha o verbo, e verá!

A de *Ueli Chatelain* esclarece o caso. — E' velhinha, mas ainda hoje dá leis, por ter sido feita quando o *kimbundu* estava menos corrompido.

—Eu tinha prometido não abusar demasiadamente da paciencia dos raros leitores desta *arenga*... e não cumpro.

Para completar, atenuando o efeito hipnótico desta leitura, pensei em contar uma historiazinha sobre motivo africano, mas alonguei-me e não me atrevo a abusar mais da bondade do Director do jornal, meu querido amigo, Dr. Jaime Bento da Silva, a quem apresento as minhas desculpas e promessas de regeneração.

Campos Palermo

Barrott Trindade

Na mesma semana, Tavira perdeu dois filhos que foram alguém. De um deles falamos noutra vez. Aqui, falamos de Joaquim Augusto Barrott Trindade, um grande nacionalista, um dos primeiros filiados no Integralismo Lusitano, soldado dedicado e fiel que nunca soube esconder ou disfarçar as suas ideias.

Secretario da Camara Municipal de Tavira em 1910, quando da mudança de regimem, em breve homisiava-se em Espanha e por lá se conservou bastantes anos. Um dia regressou a penates, convencido de que o importante a realizar era restituir os regimens ao seu verdadeiro e tradicional significado.

Quem escreve estas linhas só então o conheceu e, quando esperava encontrar um monarquico, na vulgar aceção do termo, teve uma enorme e agradável surpresa. O exilio tinha-lhe aberto os olhos e Barrott Trindade voltava integrado no grande movimento nacionalista que Antonio Sardinha, Hipolito Raposo, Pequito Rebelo, tinham fundado com o nome de Integralismo Português. E era interessante por ser um belo exemplo de caracter e de inteligencia, ver este homem, já a meio caminho da vida, enfileirar num movimento de novos, com o calor, a fé e o entusiasmo dum novo. Hipolito Raposo e Pequito Rebelo, que algumas vezes estiveram aqui, em sua casa, podem testemunha-lo.

Circunstancias da sua vida particular deram-lhe serios e graves desgostos nos ultimos anos da sua vida.

Isso contribuiu bastante para uma certa dose de impaciencia com que olhava para a marcha da politica do Estado Novo. No entanto prestou sempre preito de grande e profunda admiracão por Salazar ainda quando, aparentemente, parecia discordar do Chefe.

Desapareceu com Barrott Trindade um dos ultimos exemplares daqueles homens que procuravam ser sempre gentiuhomens em todas as manifestacões da sua vida.

Mais outro a quem a vida não permitiu realizar tudo quanto a sua intelligência, a sua illustracão e a sua educaçao indicavam. Paz à sua alma!

O seu funeral que foi dirigido pelo sr. Mateus Marques Teixeira d'Azevedo, grande amigo do falecido, foi bastante concorrido por amigos pessoais, quer da cidade, quer do campo, tendo-se organizado varios turnos.

A Camara fez-se representar pelos srs. Presidente Substituto e Vogal respectivamente, José Viegas Mansinho e Dr. Ramos Passos e a Comissão Concelhia da União Nacional, pelo seu Presidente.

Vítima de desastre

Na manhã do dia 22 do corrente, a camioneta da Fábrica de Moagem, desta cidade, conduzida pelo motorista Salvador Jacinto Soares, colheu, na Rua Almirante Candido dos Reis, perto da sua residência, o menor de 3 anos, Delfim Marcelo Neves Valente, filho do sr. Antonio Seita Valente, que teve morte instantanea.

O motorista ao que parece não teve culpabilidade no desastre. O caso foi entregue ao poder judicial.

Este número foi visado pela Delegação de Censura.

PELA CIDADE

Feira da Bôa Morte—Realiza-se nos próximos dias 1 e 2 do corrente, a tradicional feira da Bôa Morte.

Pelo numero de barracas que já se encontram armadas no Campo dos Mártires da Republica, leva nos a crer que a feira seja importante.

BANDA MUNICIPAL DE TAVIRA

DOMINGO, 30

Concerto das 22 às 24

PROGRAMA

1.ª PARTE

Kruger—P. D. . . . Laporta
Freyschutz—Ouver. . . C. Weber
Ler Patineurs—Valsa . . Waldtenfel
Mireille—Opera. . . Gounod

2.ª PARTE

Uma festa na S. do . . .
Pilar—Fantasia . . . S. Morais
Sonhos—Tango. . . H. Rocha
18 de Fevereiro—Mar-
cha F. Matos

QUINTA-FEIRA, 3

1.ª PARTE

Concerto das 22 às 24

Marcha Militar . . . F. Fão
Yone—Ouverture . . . Pretella
Rusticanela—Canção . Cortopassi
Palhaços—Opera . . Leoncavallo

2.ª PARTE

Assombro del Da-
masco—Zarzuela . . P. Luna
Digo-te Adeus—Can-
ção H. Rocha
No Jardim—P. D. . . Chicória

Necrologia

No dia 20 do corrente, faleceu nesta cidade, donde era natural o sr. Antonio Francisco Correia, de 67 anos, serralheiro.

O extinto era casado com a sr.ª D. Maria José Correia, e pai das sr.ªs D. Maria Correia Lopes, casada com o sr. José Rodrigues Lopes e D. Maria Helena Correia Palmeira, casada com o sr. Anibal Galhardo Palmeira, e dos srs. Eduardo Sanches Correia e Jorge Francisco Correia.

No dia 25 do corrente, faleceu nesta cidade, a sr.ª D. Isabel Maria Vargues Córvo, de 73 anos, natural de Moncarapacho, viuva do sr. Joaquim Rodrigues Córvo.

A extinta era mãe das sr.ªs D. Maria Adelina Vargues Córvo, D. Maria Marta Córvo Pires, casada com o sr. Asdrubal da Encarnação Pires, e do capitão sr. Victorino Rodrigues Córvo.

No dia 27 do corrente, faleceu nesta cidade, a sr.ª D. Maria Virginia Correia, de 61 anos.

A extinta era casada com o sr. José Pedro Correia, e mãe das sr.ªs D. Marcelina da Conceição Correia Peres, casada com o sr. Francisco Baptista Peres, D. Maria Laura Correia Soares, casada com o sr. Ladislau Tecló Elias Soares, e D. Emilia Victoria Correia; e do sr. Antonio José Correia.

A's familias enlutadas o «Povo Algarvio», envia as mais sentidas condolencias.

ARRENDAM-SE

Diversas propriedades rusticadas situadas nas freguezias de Sant'Iago, Santa Maria, Santa Catarina e Cacula.

Trata-se com João Braz de Campos em todos os dias uteis, na Quinta do Mirante, Luz de Tavira e aos domingos em Tavira, escritorio do sr. Carlos Rodrigues Mil Homens.

Teatro Popular

Dedicada aos interpretes, autores e colaboradores da revista Ponto e Virgula, realizou-se no passado dia 25 do corrente, no Teatro Popular desta cidade uma récita promovida pelo grupo cénico do Sport-Lisboa e Faro, em conjunto com o distinto actor-cantor Sales Ribeiro.

A apresentação da opereta em 3 actos, extraída dum conto de Julio Diniz, por Penha Coutinho com musica do maestro, Filipe Duarte—«A Leitura d'Entre Arrois», agradou.

Sales Ribeiro, houve-se com muito agrado no papel do Tomaz.

FESTAS EM ALPORTEL

Realizam-se nos dias 6 e 7 de Agosto próximo, imponentes festas organizadas pela Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Alportel, em beneficio do cofre da mesma, com o seguinte programa:

Domingo 6 de Agosto—A's 7 horas—Alvorada de Morteiros.

A's 12 e meia horas—Benção do Auto-Maca, seguida de parada dos Bombeiros e viaturas.

A's 13 horas—Sessão solene no Cine Teatro, com a presenca das entidades oficiais do Concelho e convidados.

A's 16 horas—Grandioso Torneo de Tiro aos Pombos à caixa, no Stadium desta Vila.

Neste torneio que é o primeiro da época, disputar-se-ão duas poules a saber:

1.ª Poule de ensaio a um pombo, um zero exclui.

2.ª Poule de Honra a dez pombos, dois zeros excluem, com direito a igualar.

Na poule de honra disputar-se-ão três prémios:

1.º—Taça-Bombeiros Voluntários de Alportel; 2.º—Taça-Camara Municipal de Alportel; e 3.º Taça-Caçadores Sambrazenes.

A's 21 horas—Abertura do Arraial que consta de Kermesse, tombola, cervejaria, bolos, etc.

Fogo de artificio preso e solto. **Segunda-feira, 7 de Agosto**—A's 16 horas—Desafio de Football.

A's 21 horas—Continuação do Arraial, com todos os atrativos da noite anterior.

Abrilhanta estas Festas a Banda Municipal de Alportel.

No recinto das festas haverá corridas de bicicletas em pista, numero original em Portugal com prémios à sorte aos assistentes.

Ninguem deve faltar a estas festas de cuja organizaçao é feita por aqueles que tomaram um grande léma: *Vida por Vida*.

PELA IMPRENSA

«O Contribuinte»—E' deste nosso colega o artigo «Regime Tributário Português» que noutro lugar inserimos.

ARRENDAM-SE

A propriedade denominada Olheiro, sitio da Pôço do Val freguezia de Santo Estevão.

Quem pertender dirija-se a Manuel Gil Cardeira—Santa Rita—Vila Nova de Cacela.

Recebe propostas em carta fechada até 1 de Outubro.

Reserva-se o direito de não arrendar, caso as propostas não convenham.

Todo o bom nacionalista deve assinar o jornal «Povo Algarvio».

Grémio dos Exportadores de Frutos e Produtos Hortícolas do Algarve

FARO AVISO

Aos produtores de frutos secos

No intuito de evitar prejuizos a que, por ignorancia da lei, possam vir a estar sujeitos, avisam-se todos os produtores de frutos secos desta provincia que não devem vender os seus frutos a individuos que não estejam legalmente inscritos como intermediarios ou como agentes privativos de exportadores, nos termos do decreto n.º 28729, de 2 de Junho de 1938. Os intermediarios de frutos que negociam de sua conta estão munidos de uma CEDULA ABONATORIA e aos agentes privativos dos exportadores é fornecida uma CREDENCIAL, documentos passados por este Gremio e pelos quais se prova que os portadores estão legalmente autorizados a comprar frutos secos do Algarve.

Segundo o disposto no decreto n.º 29774, de 22 do corrente, serão apreendidos os frutos e aplicada a multa de Esc. 5000 por arroba a todas as pessoas que exerçam esse commercio sem que se encontrem inscritas nos termos legais.

Faro, 26 de Julho de 1939.

O presidente da Direcção,

a) João Lã Junior

Noticias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Hoje—a menina Maria Angela da Conceição.

Em 31—o sr. João Leiria e o menino Fernando Manuel Guerreiro de Souza.

Em 2 de Agosto—Mle. Maria Julieta Mendes Cipriano.

Em 3—Mle. Maria Amália Falcão Padinha.

Em 4—Alf. sr. José Rogélio da Palma Vaz e o sr. Arnaldo da Conceição Viegas.

Partidas e Chegadas

Encontra-se a banhos nas Caldas de Monchique, o nosso colaborador sr. Luciano Mendes.

—Encontra-se a vernaear na sua propriedade em Moncarapacho, o nosso prezado assinante sr. João José Pereira Sargento Reformado.

—A fim de visitar a sua familia partiu para Lagos, o nosso assinante sr. Joaquim Carlos de Abreu Pimenta, Sargento do Regimento de Infantaria 4.

—Regressou de Lisboa o sr. Eduardo Maria Pacheco Pinto, aluno da Faculdade de Ciências.

—Encontra-se nesta cidade a mãe do nosso presado assinante sr. Fernando Melo Borges de Castro, chefe dos escriptorios da firma J. A. Pacheco, desta cidade.

Registo de Casamento

No dia 16 do corrente, realizou-se na Conservatoria do Registo Civil desta cidade, o casamento da sr.ª D. Maria Claudina da Boaventura Cruz, filha da sr.ª D. Claudina Leiria Cruz e do sr. José Sebastião da Cruz, já falecidos, com o sr. José Joaquim Moura de Seixas, comerciante em Mussende, Africa Occidental Portuguesa.

Paranifaram o acto as sr.ªs D. Maria d'Assunção Dias e D. Alda dos Santos Sequeira.

—No dia 17 do corrente, realizou-se na mesma Conservatoria, o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Helena Correia, com o sr. Anibal Diamantino Galhardo Palmaeir.

Paranifaram o acto por parte da noiva, a sr.ª D. Maria Aine Trindade Galhardo Palmeira, e pela do noivo seu pai José Joaquim Gonçalves Palmeira e seu tio sr. Marcelino Galhardo.

Os nossos parabens.

Formatura

Licenceou-se em ciências matemáticas pela Universidade de Coimbra, o nosso conterraneo sr. Dr. Aires Natal Palma Raposo, há anos residente naquela cidade, com sua Familia.

As nossas felicitações sinceras.

ARRENDAM-SE

A propriedade de S. Marcos, na Sr.ª da Saude, Horta, terras de sequeiro e grande extensão de serra.

Informa-se na Praça Dr. Padinha, 25 — TAVIRA.

Pela Provincia

Vila Nova de Cacela

Consagração da Familia—Consagração a Familia realiza-se hoje na igreja paroquial desta freguesia uma festa.

Haverá comunhão, missa cantada, e sermão pelo rev. padre Pardal.

As 17 horas, na escola oficial do sexo masculino, realiza-se uma sessão solene dedicada á familia, a qual será presidida pelo Ex.º Sr. Victor Adragão, presidente da Municipalidade de Vila Real de Santo Antonio, e proferirá a oração alusiva ao acto o rev. Padre Pardal.

Brutalidade—No sitio da Nôra, desta freguesia, uns bebados fizeram ingerir grande quantidade de vinho a uma criança do sexo masculino, de 5 anos, filho de Matilde dos Santos, causando-lhe grave embriaguez, introduzindo-lhe no anus o gargalo de uma garrafa de refrigerante conhecido pela denominação de—pirolito—e.

Livros e Revistas

«**Revista dos Centenários**»—Sumário do N.º 6: O Brasil e a Restauração de Portugal, do Dr. Gustavo Barroso; A Mistica da Restauração, do Dr. Cabral do Nascimento; A Exposição do Mundo Português será uma afirmação da Technica Nacional; Castelos de Portugal, Montemor-o-Velho, Penela, Soure, do Cap. Jorge Larcher; Revista da Imprensa; Notas várias.

«**O Contribuinte**»—Sumário do N.º 308: Imposto sobre a applicação de capitais; consultas e Resoluções; Informações Corporativas; Legislação; Bibliografia.

«**O Volante**»—Sumário do N.º 481: S. Cristóvão, padroeiro dos automobilistas; Notas técnicas sobre os compressores, por Eurico Fonseca; Ecos e Comentários; Reportagem do «rallye» de Gandara-Miramar e outras provas portuguesas; Noticiário do movimento automobilista estrangeiro; Página de Turismo; Página de Camionagem; Página de Motos; Estatísticas da importação de automóveis e motos no mês de Junho; Artigos; Entrevistas; Noticias.

«**Canção do Sul**»—Sumário do N.º 231: Maria Pereira, Vóz do Sonho; Novos; Motivos de Bom Senso; Musa dos Novos; Correião dos Poetas.

QUARTO MOBILADO

Precisa-se um, em Tavira, com tratamento de roupas. Preço e condições em carta para Rua Capelo, 5-3.º D.º LISBOA.

Quereis um refrigerante com agua bacteriologicamente pura? **Bebei V V**

A PUBLICIDADE E' A ALMA DO
NEGOCIO!

E o jornal «POVO ALGARVIO» é o
porta-voz mais indicado para a divul-
gação dos produtos dos Senhores
Anunciantes. Portanto, reclamar em
«Povo Algarvio», é fazer negócio certo.

Vendem-se

por motivo de substituição:

Um MOTOR «NACIONAL»
de 6/7 h. p. a gaz-oil, com 3
meses de uso; Uma PRENSA
«MABIL» de 4 colunas, para
azeitona, com aperto por ala-
vanca, e Um MOINHO COM-
PLETO, com 3 galgas, para
azeitona (tracção animal).

Trata José F. Encarnação
—TAVIRA

Até mesmo num deserto!

(Silvertone Radio)

Com uma só volta de chave
terá no mais recôndito luga-
rejo o mundo na mão haja ou
não corrente eléctrica.
Se está comprador de um apa-
relho de radio ouça um (Sil-
vertone) para bateria de 6vt.
e corrente alterna, dois apa-
relho num;
Vendem-se a pronto ou a pres-
tações e fornecem-se aos re-
vendedores.

Dirija-se ao distribuidor no
ALGARVE

Ladislau Teclo Elias Soares

Rua 9 de Abril n.º 43
TAVIRA

Leite de vaca

Puro vende-se na Horta
das Canas—TAVIRA.

O «Povo Algarvio» ven-
de-se, em Tavira, na
Tabacaria Santos.

Sindicato Agríco-
la de Tavira

CONVITE

Tendo sido deliberado em
Assemblea Geral de 18 do
corrente mês a integração do
Sindicato Agrícola de Tavi-
ra na Organização Corpora-
tiva, tenho a honra de con-
vidar todos os produtores
agricolas do concelho a com-
parecerem no domingo, dia
30 do corrente, pelas 15 ho-
ras, no Teatro Popular, des-
ta cidade, a-fim-de se resol-
ver sobre a criação do «Grê-
mio da Lavoura do Concelho
de Tavira».

Tavira, 18 de Julho de
1939.

O Presidente da Assem-
bléa Geral,

Joaquim de Mendonça e
Melo Trindade

Liquidación

Por efeitos de ba-
lanço, teve início no
dia 1 de Abril a liqui-
dación de tôda a exis-
tência de joias e pra-
tas da

Ourivesaria Mansinho

TAVIRA

Propagai os vossos produtos no semanário
- regionalista: POVO ALGARVIO -
o jornal de maior expansão da Província.

Instalações de Agua

Instalações de Luz

Reparações

Material para todo es-
te genero de serviços.

Consultar sempre

M. J. GARCIA

Rua 1.º de Maio

Tavira

Vende-se

Uma casa no alto de S.
Braz com armazem grande no
rez de chão, quintal, palhei-
ros, seis divisões no 1.º andar
e armazem anexo.

Nesta redacção se informa,

VENDE-SE

Lagar para fabricação de
azeite com todos os seus per-
tenceers,

Quem pretender dirija-se
à rua Dr. Parreira 134.

Quereis fazer bons negócios?

Anúnciá no semanário regionalista

«Povo Algarvio»

Dr. Oliveira e Silva

MEDICO VETERINARIO

Recebe chamadas para consultas
e tratamentos todas as 3.ª-feiras
das 15 ás 17 horas na Séde do
Montepio Artístico Tavirense.

NOTA—Nos serviços prestados aos
animais pertencentes aos socios do
Montepio há 25 % de desconto.

Mande executar os vossos impres-
sos na TIPOGRAFIA SOCORRO
Telet: 59—Villa Real de Santo Antonio

Fontinha da Atalaia

Balneario — TAVIRA
FECHA EM 31 DE OUTUBRO

Diariamente abre ás 7,30, principiando
a servir banhos quentes e frios
ás 8 horas.

Srs. Habitantes dos Campos

Convertam a força grátis do
vento em electricidade carregan-
do os seus acumuladores para o
radio e iluminação usando os
AERO-DINAMOS WINCHARGER.

Há, para entrega imediata, Ae-
ro-dinamos de 6 vt. 12 vt. e
32 vt.

Com rendimentos de 120 W a
1000 W.

Vendem-se a pronto e a prestações
Tenho instalações a funcionar em
que se podem fazer demonstrações.

Consulte o distribuidor

LADISLAU TECLO ELIAS SOARES
Rua 9 de Abril n.º 43 — TAVIRA

Assine o «Povo Algarvio»

VENDE-SE

Um armazem em frente da
escadaria do cais tendo fren-
te 20 metros e de fundo 20
metros.

Quem pretender dirija-se a
Manuel Antonio Pereira, Mer-
cado Municipal—Tavira.

Arrendam-se

As propriedades denomi-
nadas: Cancela das Almas,
Matinho e Mato de Santo
Espírito.

Dirigir propostas a Vasco
Campos, Avenida 5 de Outu-
bro, 58 — TAVIRA.

Cunha & Dias, L.ª

8-RUA DA LIBERDADE-10
TAVIRA

Agencia da Tabaqueira
e da Fostoreira Portuguesa
Venda de tabaco e fosforos
aos melhores preços

Condições especiais
para revendedores